



FÓRUM
EMPRESARIAL
de Inovação e Desenvolvimento

BOLETIM DE CONJUNTURA
ECONÔMICA

Nº **01**



Palavra do Presidente



José Adriano - Presidente da FIEAC

O Fórum é um organismo vivo de espaço permanente de diálogo com a sociedade. Foi criado a partir da discussão e convergência das três federações, que compõem o Fórum, FIEAC, Faeac e Fecomércio, e se tornou essencial em qualquer debate do ponto de vista de desenvolvimento e melhoria do estado do Acre. Quando o Fórum Empresarial se reúne, conecta todos, nivela e alinha os temas, buscando um direcionamento para o setor produtivo e discutindo as necessidades de aperfeiçoamento para que sejam adotadas decisões mais assertivas do ponto de vista dessa representação.

No Acre temos uma logística muito complexa, a carga tributária do Brasil é muito grande e a do Estado tem um gancho muito maior em função de sua localização geográfica. Temos uma série de variáveis que influenciam na área do desenvolvimento. Ao se construir uma estrada, por exemplo, será a mais cara do Brasil. Já o incentivo fiscal se torna complexo porque influencia diretamente no custo de vida do consumidor. Hoje, o Fórum Empresarial tem como pauta principal a atualização de dados econômicos baseados nas ferramentas digitais, na inovação e em como pode ajudar e orientar o consumidor e iniciativa privada.

Outra questão importante é que a economia acreana é muito dependente dos investimentos públicos, então, a máxima hoje é a seguinte: os investimentos dos governos estaduais, municipal e federal estão interagindo com o desenvolvimento do Estado? Está sendo eficaz todo esse investimento? O Fórum Empresarial faz esse tipo de debate. Para acompanhar esses investimentos e apresentar propostas em quais áreas e setores podem ser investidos, contratamos um grupo de doutores acreanos da Universidade Federal do Acre, que conhecem de perto nossa realidade, para elaboração de um boletim econômico que será divulgado mensalmente. Esses dados econômicos se baseiam em informações que precisamos saber na hora de fazer qualquer investimento ou decisão.

Os boletins terão projeções e levantamentos que, normalmente, são publicados com atraso e queremos isso de forma mais real e presente. As informações a nível nacional são levantadas com dados gerais, não observam particularidades por estado e isso leva um tempo para ser formatado e entregue para o consumidor, empresários e investidores.

Ao se regionalizar esses dados, é possível desenvolver estudos baseados na realidade local e obter projeções mais precisas e objetivas, tais como quais setores perdem mais mão de obra, qual necessita de mais capacitação, qual está crescendo e qual está decrescendo, viabilizando a comunicação com a força de trabalho do setor produtivo. Os impactos gerados na economia durante algumas eventualidades, como enchentes e secas severas que afetam a produção local, serão avaliados e comparados com o custo de vida acreano para elencar os desafios de ser empresário no Acre.

A Fundape é um sonho e vem somar com as ações e projetos já desenvolvidos pelas federações que são mantenedoras do Fórum. Estamos muito confiantes na execução dos levantamentos dos dados e estudos propostos.

UM OLHAR SOBRE A INDÚSTRIA ACREANA

É inegável que o Estado do Acre tem avançado em questões importantes relacionadas com seu desenvolvimento econômico e social. Nas últimas décadas foram realizados investimentos que estruturaram e, de alguma maneira, prepararam a economia para crescer. A qualidade das instituições melhorou, o acesso e o valor atribuído à educação também cresceu, e a sociedade, de uma forma geral, fortaleceu-se. Porém, não foram suficientes.

Neste texto apresentam-se algumas problematizações sobre a dinâmica da economia industrial acreana. Para construí-lo, utilizou-se dados e informações secundárias disponíveis em bases de dados oficiais e trabalhos de pesquisa recentemente publicados, bem como conversas informais com empresários. Como baliza temporal, utilizou-se o período de 2000 a 2022, pouco mais de 20 anos.

A partir de 2000 com o início do Governo da chamada “Frente Popular do Acre”, a exploração “inteligente” dos recursos da floresta (madeireiros e não madeireiros) foi definido como saída principal para fomentar o desenvolvimento. Nesse bojo, o manejo “sustentado” de madeira foi uma das principais atividades incentivadas pelo governo. É o que se pode concluir analisando os documentos oficiais. Em função de tal decisão, cujos motivos não são importantes problematizar para os objetivos desse texto, o que se observou foi um conjunto de ações e políticas que provocaram impactos importantes na indústria (de transformação e construção), especialmente na “cadeia de madeira e móveis”. Não por acaso, as exportações de madeira e seus derivados pelo Acre aumentaram de forma importante nesse tempo histórico.

A política pública implementada em virtude da priorização do manejo de madeira impactou positivamente nos segmentos de madeira e de móveis que passaram a crescer levando, inclusive, os mesmos a ocuparem o primeiro lugar em importância dentro da indústria de transformação (superando o segmento de produtos alimentares) em alguns anos da década de 2000 no que se refere a faturamento e empregos diretos gerados, de acordo com a pesquisa [FIEAC, 2019]

Os demais setores da indústria de transformação também apresentaram sinais de crescimento nos primeiros anos de 2000. E esse desempenho parece possuir relação direta com: incentivos fiscais e tributários concedidos pelo governo administradas pela COPIAI (Leis 1.358 – diferimento de ICMS até 10 anos e Lei 1.359 - concessão de terrenos nos Distritos e Parques industriais); projetos executados pela Agência de Negócio do Acre como o Programa de Promoção de Negócios – PPN; como também devido a investimentos feitos na recuperação e construção de Distritos e Parques Industriais na capital e interior.

Um sinalizador que comprova o avanço foi o crescimento na utilização média da capacidade instalada das indústrias, que subiu de 60% (década de, 90), para 85%, média observada no final do Governo “Binho Marques” conforme indica o, [FIEAC, 2019] .

Especificamente com relação à construção civil, que desde a década de 1980 é considerada como o mais importante segmento dentro do tecido produtivo industrial acreano (em termos de faturamento e empregos gerados), no período de 2000 a 2011 também passou por um processo de claro crescimento, motivado principalmente pela reconstrução da estrutura física do Estado, que estava bastante deteriorada (escolas, delegacias, obras de infraestrutura urbana, etc.).

Com o aumento dos investimentos em infraestrutura por parte do governo, as empresas também investiram, inclusive em certificação. Isso para acompanharem e corresponderem à altura. Observou-se com esse movimento crescimentos no emprego e no faturamento das empresas do setor e, também, impactos em toda a indústria de transformação (vale apontar que a construção civil é compradora de insumos da indústria de transformação).

Os dados evidenciam para um aumento interessante na propensão a investir dos empresários da indústria que passaram a efetivar investimentos importantes com recursos de terceiros, principalmente. Afinal, o cenário era bastante animador e as expectativas excelentes. O governo mostrava-se bom pagador (aspecto percebido inclusive pelos bancos) e o anúncio do volume de obras era significativo. Entretanto, no ano final do governo "Binho Marques", esse cenário começou a mudar.

A “euforia provocada por milhões em contratos” deu sinais que não se concretizaria na prática. Muitos dos contratos não se executavam devido a vários problemas, inclusive relacionados com a gestão dos mesmos por parte do próprio governo. Verificaram-se, também nesse período, obras com projetos mal construídos que precisavam de ajustes (ou mesmo sem projetos), entre outros aspectos. De outro lado, o Governo Federal (principal financiador) aumentou os contingenciamentos no orçamento (talvez em função da crise mundial iniciada em 2007/2008 que naquele momento abalava os mercados mundiais).

Como era de se esperar, as expectativas dos empresários começaram a se modificar segundo o que destacou a pesquisa da Sondagem Industrial/CNI (Confederação Nacional da Indústria), principalmente porque os investimentos haviam sido feitos e os financiamentos contraídos na rede bancária precisariam ser quitados. Os pagamentos do governo, inclusive de obras já executadas, por problemas vários passaram a não ser realizados como deveriam e a inadimplência das empresas industriais acreanas junto aos bancos começou a se mostrar perigosa.

Após 2010 o discurso estadual sobre o “desenvolvimento sustentável” ganha novas cores. De certa maneira a dita “florestaria” perde força. Agora "era a vez da indústria", afinal o estado havia sido "preparado para crescer"(era esse o discurso governamental). Isso renovou as esperanças do empresariado e gerou expectativas positivas.

A motivação voltou a aumentar conforme se constatou na época através do “Índice de Expectativa” da pesquisa de Sondagem Industrial da CNI, motivação também influenciada por investimentos que estavam em processo e, quando “maduros”, poderiam impactar a realidade estadual (econômica, social e política). Vale assinalar neste contexto: os projetos estruturantes do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC; os projetos de expansão de energia (Luz Para Todos, Linhas de Transmissão de energia); o complexo de hidroelétricas do Rio Madeira; o asfaltamento da BR-364; a saída para o Pacífico e integração logística com o Caribe, e a criação/alfandegamento da ZPE (Zona de Processamento e Exportação) .

A crença era que em um prazo não muito longo o Acre teria uma posição privilegiada na geopolítica nacional. Para aproveitar as oportunidades que surgiriam, o estado necessitaria avançar na ampliação do clima favorável ao investimento e na formação de capital humano.

Após um ano de fracos resultados para a indústria (2011), os empresários aumentaram suas expectativas positivas devido a crescimentos observados no faturamento e emprego industrial no ano de 2012 (detectados pela pesquisa “Indicadores Industriais do Acre” da FIEAC). Expectativas potencializadas também pelo alfandegamento da ZPE; pelos investimentos realizados em projetos como o da Piscicultura; Avicultura (região de Brasiléia); “ressurgimento” da Agência de Negócios do Acre (ANAC); “Ruas do Povo” e, principalmente, do anúncio do projeto “Cidade do Povo”. Sobre o cenário nacional, a crença do empresariado era que a crise não os havia afetado de forma grave, mesmo com algumas evidências indicando o contrário.

Com o início do inverno Amazônico, ainda em 2012, os indicadores da indústria de transformação e de construção começaram a cair, segundo as pesquisas “Indicadores Industriais do Acre” e “Pesquisa de Emprego na Construção”, ambas da FIEAC. Fato que não despertou grande alarde, na medida em que esse comportamento é característico na região devido a questões de sazonalidade.

No início de 2013, quando os mesmos indicadores (principalmente o emprego na construção) sinalizavam para uma recuperação, o Estado foi sacudido com processos de acusação contra empresários e consequente paralisação de obras consideradas estratégicas pelos empreendedores, como a “Cidade do Povo”.

Ao mesmo tempo, numa escala maior de observação, passou-se a perceber que a economia brasileira começava a apresentar sinais claros de desaceleração com quedas nos investimentos; aumento de preços (inflação acima da meta); recuo no desempenho da indústria, entre outros aspectos. O preço do dinheiro também ficou mais caro com os aumentos na SELIC (Sistema Especial de Liquidação e de Custódia), o que provocou impactos imediatos na propensão a investir do empresariado.

Localmente, no mesmo período (e mesmo antes), as queixas relacionadas com quedas nas vendas, com a diminuição na capacidade instalada e com demissões apresentaram curvas de crescimento. No segmento madeireiro, por exemplo, muitas empresas fecharam as portas por falta de documentação e matéria-prima certificada para rodar seus processos com eficiência.

Nesse segmento específico, deve-se evidenciar que a crise internacional pode ter contribuído no agravamento da situação das empresas ao provocar quedas nas exportações (de laminados, por exemplo), o que forçou os locais a tentarem efetivar suas demandas no mercado nacional.

Entretanto, as vendas no mercado nacional tiveram alta inadimplência segundo empresários do setor. Além disso, verificou-se subida de preços em todos os insumos utilizados, movimento que não foi acompanhado pelos preços da madeira (não subiu proporcionalmente aos insumos). Para complicar, as empresas continuaram enfrentando a concorrência ilegal (madeiras sem procedência) principalmente de concorrentes de Rondônia e Boca do Acre/AM.

Além da concorrência das empresas de base nacional, que utilizam em seus processos madeira de reflorestamento. Internamente, diferente do que havia sido observado em períodos anteriores, o Governo Estadual não apresentou nenhum incentivo para “os locais” no que se refere às compras de madeira legal.

Além disso, problemas não previstos como a alta incidência de chuvas em 2012 atrapalharam o desempenho das empresas, principalmente no tocante a armazenagem. Como resultado, muitas faliram.

O segmento moveleiro, por seu lado, diminuiu as compras de madeira das indústrias, impactados que foram pela concorrência dos “de fora” e, principalmente, da evaporação da demanda local.

Inclusive, as poucas empresas do setor que recebiam encomendas de compradores de outros Estados também viram a diminuição dos pedidos. A explicação para tal queda pode ser encontrada nas expectativas, ou seja: os poucos compradores “de fora”, preocupados com o “comportamento da economia” brasileira, pararam de fazer encomendas.

O setor cerâmico, após aumentos de vendas em 2012 provocados pelas “ruas do povo”, também teve a demanda diminuída nos meses iniciais de 2013. Da mesma forma aconteceu com o segmento de minerais não metálicos (areia, etc.).

No segmento gráfico também se observou que a retração de demanda se fez presente. Inclusive, conversas com os empresários evidenciaram que além da indústria, o comércio varejista também estava apresentando quedas nas vendas/faturamento no período. Empreendedores do segmento gráfico apontaram que viram suas vendas serem reduzidas no período devido, principalmente, a diminuição das encomendas por parte das empresas comerciais (panfletos, folderes de divulgação, etc.). Evidência que pode sinalizar para um problema maior.

No segmento de panificação, a crise parece ter sido agravada pelas variações do dólar, que afetou os preços da principal matéria-prima utilizada: o trigo. Como a trajetória dos preços do trigo mostrava-se de crescimento, o impacto nos custos de produção foi significativo, dificultando a vida das empresas. O resultado foi que o Acre passou a intensificar um processo de desindustrialização.

Passamos a vivenciar uma “crise de demanda” (ou “sumiço do dinheiro”) que podem ser relacionados ao contexto de crise nacional (e mundial), mas também por fatores específicos da dinâmica local: uma variável explicativa bastante apontada por empresários e especialistas naquele momento relacionou-se com a “proliferação de pirâmides financeiras e bingos” (TELEXFREE, BBOM, ACRECAP, etc.) Para muitos, “as pirâmides enxugaram o dinheiro da praça”. A título de ilustração, somente o bingo disfarçado de Título de Capitalização denominado “Acrecaplegal” chegou a “retirar” de circulação da economia acreana aproximadamente 500 mil reais mensais (valor estimado com base em informações secundárias obtidas pelos alunos do Curso de Ciências Econômicas da UFAC).

Outra evidência que parecem comprovar a crise no setor produtivo industrial acreano na segunda década dos anos de 2000 foi a redução do consumo de energia. De acordo com a Sondagem Industrial da CNI, o consumo no setor industrial nesse tempo caiu cerca de 20% no Acre. E, no mesmo compasso, verificaram-se aumentos de preços da energia.

Consultando pesquisas realizadas pela FECOMERCIO/AC (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Acre), notou-se que os comerciantes também tiveram vendas abaixo do planejado no período. 61% dos empresários comerciais pesquisados pelo Instituto de Pesquisa da Fecomércio/AC conceituaram o ano de 2013 como “de vendas fracas”. O relatório da FECOMERCIO não problematiza sobre as razões da queda nas vendas, apenas apresenta a queda (foram pesquisados 204 empresários).

As taxas de crescimento dos diversos segmentos industriais do Acre de 2007 a 2019 (pouco antes da pandemia) pode ser ilustrado na tabela 1.

Tabela 1: Taxas de crescimento dos diversos segmentos industriais do Acre de 2007 a 2019

Setores	Taxa de crescimento
Indústria extrativa	22,5
Indústria de Produtos Alimentares	232,9
Indústria de Bebidas	29,3
Confecção de artigos de vestuários e acessórios	126
Produtos de madeira	42,7
Impressões e gravações	41,0
Produtos químicos	4,8
Produtos de minerais não metálicos	21,5
Produtos de metal	89,5
Móveis	77,3
Produtos diversos	1,0

Fonte: elaboração própria a partir da PIA/IBGE

Como pode ser visualizado, crescimentos expressivos somente foram observados na produção industrial de alimentos e, com menos intensidade, na indústria de confecções. No segmento extrativo, em termos reais, a produção caiu mais de 22% entre 2007 e 2019. Diversos outros setores industriais tiveram perda real no período como um todo, inclusive setores importantes como Bebidas e Produtos de Madeira. Segundo [CEDEPLAR/IPEAD, 2023] o primeiro passou por um ciclo importante de crescimento entre 2007 e 2011. O segundo, após crescimento no início dos anos 2000, alternou períodos positivos e negativos, mas com perda no período completo. Sobre a representatividade da produção industrial do Acre em relação à Região Norte, no período pré-pandemia (2019) estava em 0,5%, ou seja, ainda bastante modesta.

Os dados da tabela sinalizam para um crescimento concentrado no setor de alimentos. Esse segmento no período analisado é o principal destaque da indústria de transformação no Estado (exceto em alguns anos de 2000), o que pode sinalizar para um potencial econômico no processamento de bens agrícolas. Neste setor, chama atenção o desempenho do setor de frigoríficos na região de Brasileia, fronteira com a Bolívia.

Antes da pandemia de Covid-19, o segmento de alimentos, mesmo com o visível e preocupante processo de desindustrialização do Estado, demonstrava um desempenho muito acima da média dos outros setores industriais do Acre.

Quando olhamos para a participação da indústria na composição do Produto Interno Bruto do Acre, verificamos que a afirmação sobre a desindustrialização se confirma. No ano de 2002 a Construção Civil participava com cerca de 9,7%. Entretanto, no ano de 2019 essa participação tinha caído para 3,9%. No que se refere à indústria de transformação, participava com 2,1% em 2002. Em 2019 esta participação estava no patamar de 2,0%.

Se antes da pandemia o Acre, como visto, já enfrentava um processo de desindustrialização, com a inesperada crise sanitária mundial, esse processo pode ter se agravado. Sinaliza-se que pode ter se agravado, pois diversas pesquisas ainda estão em andamento visando mapear os reais impactos da pandemia na economia industrial acreana.

Mas o que se pode afirmar no momento é que os atuais problemas enfrentados pelo Acre, Brasil e mundo não possuem como origem o coronavírus. A pandemia apenas intensificou as dificuldades e, sendo assim, representa apenas uma fase nova de um problema que vinha se arrastando desde antes. A pandemia do coronavírus intensificou os problemas porque aumentou o tempo/ciclo de rotação do capital. Não por acaso os empresários pressionaram os governos que fecharam suas economias pela reabertura. Afinal, capital só é capital em movimento.

Capital parado é a negação de si mesmo.

No caso do Acre há muito o que se fazer. E especificamente em relação à indústria, o processo atual do que aqui caracterizamos como de “desindustrialização” precisa ser contido. Nesse bojo romper com o limitado encadeamento das diversas cadeias produtivas, que reduz o efeito de transbordamento dessas cadeias no emprego e na renda da

população é urgente. Bem como aumentar o nível de agregação de valor das cadeias produtivas, principalmente para os produtos oriundos das atividades agropecuárias e extrativistas também nos parece necessário. Do mesmo modo, o aumento da complexidade dos produtos industriais aqui processados poderá ser interessante.

SETORES DINÂMICOS DA ECONOMIA ACREANA

Estrutura de interdependência setorial da economia acreana

A tabela 2 indica de forma sintética os índices de ligação para frente (ILF) e para trás (ILT) da economia acreana. Estes índices mostram o nível de interligação setorial da economia e nos possibilita descrever como as políticas de desenvolvimento econômico se propagam setorialmente.

As medidas estatísticas contidas na tabela 2 chamam atenção pela baixa variabilidade expressa pelo coeficiente de variação. Tanto o ILF e quanto ILT apresentam variação da ordem de 13,07% e 26,50%. O setor com maior participação no Produto Interno Bruto (PIB) possui participação de 20%, enquanto a média de participação setorial é de 3,85%.

Chama atenção na tabela 2 o baixo coeficiente de variação entre os índice de ligação. Estes coeficientes indicam baixa dispersão setorial das medidas de interligação setorial. Logo, pode-se afirmar que o padrão presente na economia acreana é o baixo nível de interligação setorial. Consequentemente, o poder das políticas econômicas de desenvolvimento é de baixa disseminação.

Tabela 2: Medidas descritivas dos indicadores dos setores chaves e multiplicador do produto setorial da economia acreana 2015.

Medidas	ILF	ILT	% PIB
Máximo	1,63	1,71	20,00
Média	1,00	1,00	3,85
Mínimo	0,80	0,78	0,01
Coeficiente de variação	13,07	26,50	137,99

Fonte: Elaborado pelos autores com base na Matriz inter-regional de [Guilhoto and Sesso Filho, 2010]

Conforme destacado por [Rasmussen, 1956] e [Hirschman, 1958], o índice de ligação para trás (ILT) tenta avaliar a importância dos diferentes setores como demandantes de insumos dos demais setores da economia, em termos relativos à situação média da economia. Por sua vez, o índice de ligação para frente (ILF) objetiva captar como o aumento total na produção de todos os setores quando há um aumento unitário pela demanda final da atividade i .

No tocante aos índices de ligação para frente e para trás, a tabela 3 ¹ indica a existência de apenas dois setores chaves na economia. Estes dois setores representam apenas 7,70% do total dos 26 setores analisados. Contudo, apenas o setor “06 - Madeira, papel e impressão” apresenta relevância em termos de participação no PIB local. Por sua vez, o setor “16 - Eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana”, apresenta bons indicadores de ligação. Contudo, sua participação relativa no PIB é baixa. Conseqüentemente, choques econômicos geram poucos impactos sobre a economia como um todo.

Os resultados mostrados na tabela 3 indicam que a economia acreana em termos setoriais apresenta baixo dinamismo econômico e que o poder de espraiamento apresenta baixos impactos. As perguntas que precisam ser respondidas são:

- a Quais os problemas estruturais presentes nos setores da economia acreana que podem ser sanados para intensificar o nível de interligação setorial?
- b Como saná-los?
- c Qual o papel dos agentes públicos e privados na política de diagnóstico e de melhoria intersetorial da economia?

¹**Legenda:** 01 - Agricultura, silvicultura, exploração florestal; 02 - Pecuária e pesca; 03 - Mineração; 04 - Alimentos, bebidas e fumo; 05 - Têxtil, vestuário e calçados; 06 - Madeira, papel e impressão; 07 - Refino de petróleo, coque e álcool; 08 - Outros produtos químicos e farmacêuticos; 09 - Artigos de borracha e plástico; 10 - Cimento e outros produtos de minerais não-metálicos; 11 - Metalurgia; 12 - Máquinas e equipamentos; 13 - Material elétrico e eletrônicos; 14 - Material de transporte; 15 - Indústrias diversas; 16 - Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana; 17 - Construção; 18 - Comércio; 19 - Transporte, armazenagem e correio; 20 - Serviços privados; 21 - Intermediação financeira e seguros; 22 - Serviços imobiliários e aluguel; 23 - Serviços de alojamento e alimentação; 24 - Educação mercantil e pública; 25 - Saúde mercantil e pública; 26 - Administração pública e seguridade social.

Tabela 3: Índices de ligações intersetoriais de Rasmussen-Hirschman para trás e para frente dos setores da economia acreana para 2008

Setores	ILT	ILF	% do PIB	Setores.Chave
1	0.810	1.139	20,00	-
2	0.886	0.947	13,43	-
3	0.986	1.084	12,45	-
4	1.157	0.911	10,50	-
5	1.077	0.880	8,44	-
6	1.050	1.055	7,69	Setor-Chave
7	1.363	0.816	7,33	-
8	1.082	0.856	4,66	-
9	0.951	0.947	4,39	-
10	1.042	0.897	2,47	-
11	0.954	0.957	1,99	-
12	1.072	0.804	1,72	-
13	1.153	0.924	1,62	-
14	1.121	0.903	1,11	-
15	1.014	0.789	1,07	-
16	1.209	1.578	0,36	Setor-Chave
17	0.926	0.872	0,28	-
18	0.857	1.712	0,13	-
19	0.917	1.097	0,11	-
20	0.974	1.663	0,10	-
21	0.984	1.163	0,07	-
22	0.803	0.832	0,04	-
23	0.911	0.802	0,03	-
24	0.858	0.779	0,01	-
25	0.920	0.781	0,01	-
26	0.923	0.812	0,00	-

Fonte: Elaborado pelos autores com base em [Guilhoto and Sesso Filho, 2010]

A figura 1 nos auxilia a visualizar com mais precisão o baixo nível de interação inter-setorial dos índices de ligação para frente e para trás da economia acreana. Os quatro quadrantes apresentados ² indicam a necessidade de uma reestruturação econômica.

²Tipificação setorial - Fraco encadeamento: $ILT < 1$ e $ILF < 1$: Geralmente independente, sem ligações ou ligações fracas; Forte encadeamento para frente: $ILT < 1$ e $ILF > 1$, depende da demanda interindustrial, mais relacionado para frente; Setores chaves - $ILT > 1$ e $ILF > 1$, geralmente dependente e será o setor chave; Forte encadeamento para trás: $ILT > 1$ e $ILF < 1$, depende da oferta interindustrial - mais relacionado para trás.

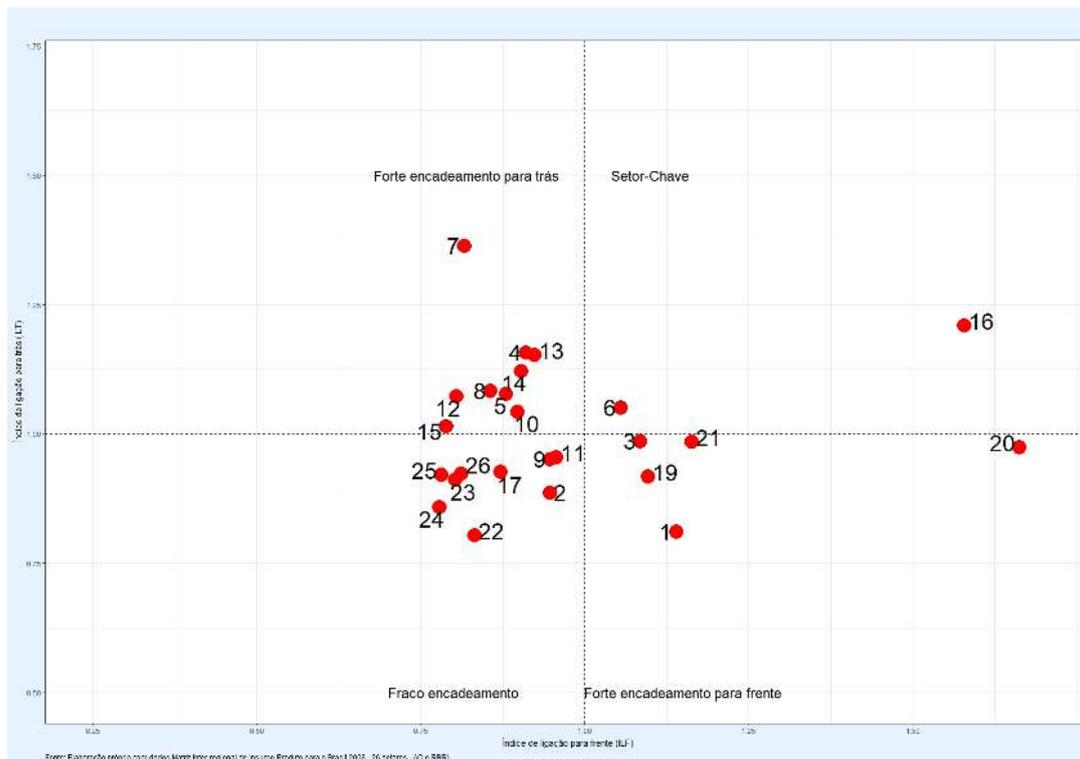


Figura 1: Índices de ligações intersetoriais de Rasmussen-Hirschman para trás e para frente dos setores da economia Acreana para 2015

Observe que, 34,61% dos setores, possuem “fraco encadeamento”, dentre eles, chama atenção o setor "02 - Pecuária e pesca", que mesmo possuindo uma participação de 13,43% do PIB de 2008, apresenta baixo poder de interligação setorial.

Nove setores, 34,61% apresentam forte encadeamento para trás. Indicam o quanto um setor demanda insumos de outros setores para produzir seus próprios bens e serviços. O destaque aqui vai para o setor “07 - Refino de petróleo, coque e álcool”. Possuindo uma participação no PIB de 7,33%.

Apresentando forte encadeamento para frente, quatro (15,38%) setores destacaram-se. ficando o grande destaque para o setor “20 - Serviços privados”. Contudo, a participação deste setor na economia é da ordem de 0,10%.

Análise do campo de influência

Com o objetivo de complementar a análise dos indicadores de ligação para frente e para trás e buscando identificar as principais ligações que podem causar maiores impactos na economia acreana, introduzimos a abordagem do campo de influência desenvolvida por [Sonis and Hewings, 1989] e [Sonis et al., 1997].

[Guilhoto et al., 2010] destaca que o campo de influência indica como as mudanças nos coeficientes diretos se distribuem no sistema econômico e, assim, permite determinar quais relações entre setores seriam mais importantes dentro do processo produtivo.

O resultado do campo de influência presente na figura 2³ mostra que o setor “16 - Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana” é o setor da economia com maior influência nos demais. Contudo, uma ressalva é importantes destacar. Este setor possui baixa participação no PIB local.

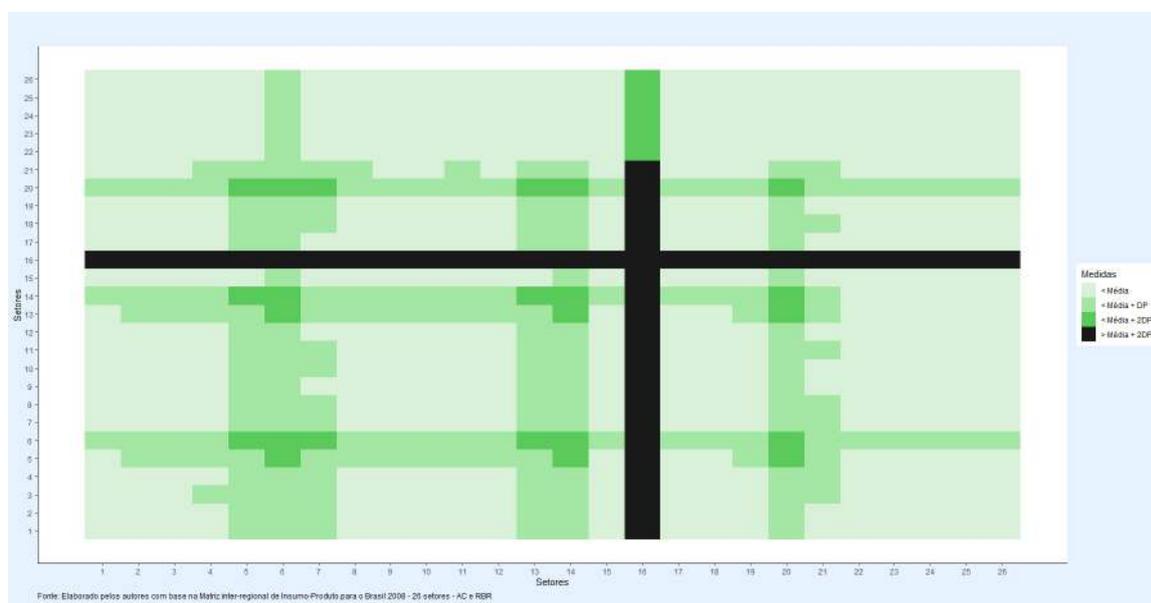


Figura 2: Índices de ligações intersetoriais de Rasmussen-Hirschman para trás e para frente dos setores da economia acreana para 2015

³**Legenda:** 01 - Agricultura, silvicultura, exploração florestal; 02 - Pecuária e pesca; 03 - Mineração; 04 - Alimentos, bebidas e fumo; 05 - Têxtil, vestuário e calçados; 06 - Madeira, papel e impressão; 07 - Refino de petróleo, coque e álcool; 08 - Outros produtos químicos e farmacêuticos; 09 - Artigos de borracha e plástico; 10 - Cimento e outros produtos de minerais não-metálicos; 11 - Metalurgia; 12 - Máquinas e equipamentos; 13 - Material elétrico e eletrônicos; 14 - Material de transporte; 15 - Indústrias diversas; 16 - Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana; 17 - Construção; 18 - Comércio; 19 - Transporte, armazenagem e correio; 20 - Serviços privados; 21 - Intermediação financeira e seguros; 22 - Serviços imobiliários e aluguel; 23 - Serviços de alojamento e alimentação; 24 - Educação mercantil e pública; 25 - Saúde mercantil e pública; 26 - Administração pública e seguridade social.

A análise dos indicadores de ligação e campo de influência mostram, de forma clara, que a economia acreana apresenta um conjunto de desafios que precisam ser sanados para o estado se desenvolver. Uma das explicações para que há anos o estado do Acre não supere os 0,20% do PIB nacional, reside no baixo dinamismo e integração dos setores e sua economia.

Nesta análise, é necessário algumas considerações finais em relação a base de dados utilizada para o cálculo dos indicadores:

- a a MIP utilizada é referente ao ano de 2008 e ano base 2000;
- b os setores desagregados não refletem com fidedgnidade as necessidades de análise local;
- c é preciso a construção de uma Matriz de Contabilidade Social (MCS) estadual e conseqüentemente, elaboração dos indicadores de: emprego, renda, produto, campo de influência e outros, que reflitam a economia local e as necessidades locais, discutidas com os principais atores econômicos e públicos;
- d ao longo do período, é possível que tenham ocorrido mudanças estruturais na economia acreana que modificaram a matriz de coeficiente tecnológicos. Conseqüentemente, modificando os indicadores para o momento atual;
- e sem o conhecimento do padrão de ligação intersetorial e sua intensidade, políticas econômica, possuem grande probabilidade de baixo êxito.

É preciso destacar um ponto extremamente relevante. A implementação de políticas de desenvolvimento econômico necessitam de diagnósticos sólidos e que reflitam as necessidades locais. Neste diapasão, destacamos mais um vez a necessidade de construção de uma MCS estadual e, preferencialmente, construída com competências locais e debatida com os principais atores políticos-econômicos locais.

Além disso, é preciso que os principais atores do cenários econômicos acreano (empresários, poder público, academia, instituições de pesquisa e outros), elaborem estudos setoriais com base nos indicadores extraídos da MIP/MCS atualizada que possibilitem detectar os estrangulamentos setoriais que impedem que a difusão de choques econômicos se propaguem com maior intensidadesobre spbre a economia.

Deve-se destacar que não existe na história econômica, registro de países, estados ou municípios, que se desenvolveram sem a presença dos seguintes elementos estruturais:

- a grande parcela da população presente na classe média;
- b baixo nível de concentração de renda;
- c elevando nível de proficiência educacional e capital humano;
- d economia com setores interligados intensamente e com alta produtividade dos fatores de produção;

- e bom infraestrutura de transporte e logística;
- f instituições fortes e democráticas;
- g elevado nível de pesquisas e inovações.

Com base nos elementos acima, observa-se que o processo de desenvolvimento local acreana exige um esforço significativo dos agentes públicos e privados. Acima de tudo, é preciso elaborar políticas de desenvolvimento econômico com base em evidências empíricas e não no: “eu acho que é assim”.

Referências

- [CEDEPLAR/IPEAD, 2023] CEDEPLAR/IPEAD (2023). Estrutura produtiva, tecnológica e dinâmica urbana e regional do acre: Parte 3.
- [FIEAC, 2019] FIEAC (2017, 2018 e 2019). Indústria em números. Disponível em: <https://www.fieac.org.br/index.php/publicacoes/industria-em-numeros.html>. Acesso em: 10 de junho de 2023.
- [Guilhoto et al., 2010] Guilhoto, J. et al. (2010). Estimação da matriz insumo-produto utilizando dados preliminares das contas nacionais: Aplicação e análise de indicadores econômicos para o brasil em 2005 (using data from the system of national accounts to estimate input-output matrices: An application using brazilian data for 2005). *Available at SSRN 1836495*.
- [Guilhoto and Sesso Filho, 2010] Guilhoto, J. J. and Sesso Filho, U. A. (2010). Estimação da matriz insumo-produto utilizando dados preliminares das contas nacionais: Aplicação e análise de indicadores econômicos para o brasil em 2005. *Economia & Tecnologia*, 23(6):1809–080X.
- [Hirschman, 1958] Hirschman, A. (1958). Modern economic growth.
- [Rasmussen, 1956] Rasmussen, P. N. (1956). *Studies in inter-sectoral relations*, volume 15. E. Harck.
- [Sonis and Hewings, 1989] Sonis, M. and Hewings, G. J. (1989). Error and sensitivity input-output analysis: a new approach. *Frontiers of input-output analysis*, pages 232–244.
- [Sonis et al., 1997] Sonis, M., Hewings, G. J., and Miyazawa, K. (1997). Synergetic interactions within the pair-wise hierarchy of economic linkages sub-systems. *Hitotsubashi Journal of economics*, pages 183–199.